

**PAULO CERQUEIRA**

# **A Coragem de Parafuso pelo amor de Rosabela**



**Literatura de Cordel**  
Edição especial- 2021

## **FICHA TÉCNICA:**

Autor: Paulo Cerqueira  
Publicação: Paulonet Multimídia  
Revisão: Kátia Amaral  
Capa: Paulo Cerqueira  
Diagramação: Paulo Cerqueira  
Versão e-book: Paulo Cerqueira  
Ano: 2021



---

**PAULO CERQUEIRA**

# **A Coragem de Parafuso pelo amor de Rosabela**

Esta é uma história de ficção criada  
com base na imaginação do autor.  
Quaisquer semelhanças com fatos reais,  
ou pessoas; teria sido por mera coincidência.



---

Direitos Autorais Reservados. Copyright © Paulo Cerqueira, 2021  
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra,  
sem haver, antes, autorização expressa do autor.  
Sob pena processual no que tange  
o artigo 7º da Lei 9610/98: que protege a propriedade intelectual.

Estrutura das estrofes:  
Sextilha / Septilha

**Literatura de Cordel**  
Edição especial- 2021

---



### Palavras do autor

Eu me lembro quando era criança.  
Às vezes ia para a roça e lia cordéis para  
às pessoas; sobretudo, as mais velhas  
que tinham pouca leitura, ou até enxergavam pouco.  
Enfim, escrever um cordel, ao estilo de grandes  
autores, tais, como: João Martins de Athayde, Cego Aderaldo,  
Apolônio Alves dos Santos, Leandro Gomes de Barros...  
Reitero que, este, foi sempre um grande desejo pessoal;  
e abracei este desafio com a coragem, determinação  
e a consciência de mais uma missão cumprida.

Boa leitura!



---

**1ª Parte - Bahia - Povoado do Espigão,  
1889 - República velha.**

Leitores prestem atenção,  
Uma história eu vou contar;  
Acontecida um certo tempo  
Nos cafundós de um lugar.  
Foi lá pras bandas do sertão  
Que este conto fui buscar.

Vamos então voltar no tempo  
Dos dias áureos do algodão.  
Tudo começa num povoado  
Que se chamava Espigão...  
Ali perto vivia um coronel  
Que parecia ter parte com cão.

Anizão era o seu nome,  
Era o mais rico fazendeiro;  
Tinha terra a perder de vista  
E nos bancos muito dinheiro,  
Algodão e boi mais que capim  
E mil galinhas no terreiro.

---

---

Esse coronel vivia no luxo  
E morava mais a família,  
Era um casarão bem grande  
Dentro uma nobre mobília,  
Sua esposa era Anastácia,  
Rosabela era a sua filha.

Ainda havia sete filhos,  
Todos bem avantajados.  
O primeiro chamava-se Catatau  
Que tinha um olho furado;  
O segundo atendia de Menelau,  
O terceiro, Quinca Cajado.

O quarto chamava-se Abdias,  
O quinto José Caburé;  
O sexto Tõe das ovelas,  
O sétimo era Buscapé.  
Um oitavo já falecido  
Sepultado em Caetité.

Pois assim formava a família  
Que vivia no casarão,  
De uma légua do povoado  
Sob o poder de Anizão,  
Era o mais forte dos coronéis  
Que mandava na região.

---



---

Porém ali, certo dia chegou  
Vindo lá do Caga-sebo,  
Uma turma de boias-frias  
À procura de emprego,  
O capataz se adiantou:  
- Pode chegar que tem arrego!

Vou lá chamar o coroné  
Que é quem pode ajeitar...  
Cá só faço cumprir ordens  
Todas que o coroné mandar;  
Dando tudo certinho  
Ele há de autorizar.

Quando o coronel chegou  
Avistou para o terreiro.  
Disse: em fila negraida!  
Se querem ganhar dinheiro,  
Nas minhas terras têm serviço  
Que penduram o ano inteiro.

Capataz acomode essa gente,  
Providencie água e comida,  
Distribua as ferramentas  
Que amanhã é dura a lida,  
A minha flor de algodão  
Agora, prestes a ser colhida.

---

---

Fez então o capataz, tudo  
Que o patrão mandou,  
Depois foi jantar com o coronel  
E tão logo lhe perguntou:  
- O que achou da negriada?  
O capataz assim falou:

Não se é lá grande coisa...  
Mas aguenta o tranco no algodão,  
O que não prestar mandamos embora,  
Ou limpar as privadas do casarão.  
Vi umas raparigas novas  
Que serve pra trazer água do ribeirão.

Terminando aquele jantar  
Houve então o recolhimento,  
Já era hora de dormir  
Cada qual foi para o aposento,  
Rosabela pôs uma toca  
Estava um tempo bem friento.

Também foi o coronel  
E Anastácia sua senhora,  
Mais os sete mancebões  
Que o sono marcava hora;  
O amanhecer traria ações  
E o capítulo de uma nova história.

---



---

No amanhecer do dia Seguinte  
O sol nem bem tinha surgido,  
Os Boias-frias iam ao batente  
Como foi comprometido,  
Logo o sol ficava ardente  
Com um dia bem sofrido.

Ao final, juntava as tralhas  
E todo o algodão colhido,  
O capataz fazia as contas  
Do trabalho merecido,  
E passava ao coronel  
Pra pagar o favorecido.

Mas os dias se passavam  
E o pagamento não saía,  
Da labuta no algodão  
Já se contavam sessenta dias,  
E os peões desanimados  
Em desespero deprimiam.

Porém o coronel prometeu pagar  
Só depois de uma procissão,  
Que ocorreria no povoado  
Sob as graças do padre João,  
As beatas seriam ordenadas  
Por madre Maria do Tabacão.

---

---

Passou-se mais quinze dias  
Até o dito dia da procissão,  
O povoado estava em festa  
A farra era grande no espigão,  
O povo vivia em romaria  
Era uma sexta da paixão.

O coronel então se ajeitou  
E estava pronto a família,  
Adentrou a um chevrolet  
E seguiu por uma trilha...  
Atrás vinha os sete filhos  
Montado em quartos de milhas.

Os peões da fazenda também  
Estavam livres, naquele feriado;  
Podiam seguir aos festejos  
Pelo coronel autorizados,  
Dentre eles havia um negrinho  
Que por todos era admirado.

Seu nome era Parafuso  
E dispensava apresentação,  
Veio com o grupo do Caga-sebo  
Trabalhar no algodão,  
Parafuso tocava viola,  
Na capoeira era perfeição.

---